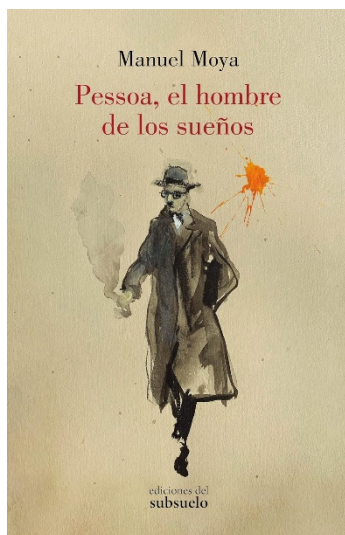


O homem dos sonhos

[The man of dreams]

Fernando Évora*

MOYA, Manuel (2023). *Pessoa, el hombre de los sueños*. Barcelona: Ediciones de subsuelo, 702 pp. [ISBN: 9788412275490].



Depois de, em 2022, com um intervalo de poucos meses, terem sido publicadas duas biografias de Fernando Pessoa, 2023 abriu com mais uma, muito curiosamente intitulada *Pessoa, el hombre de los sueños*. O autor, Manuel Moya (1960), é um conhecido tradutor do poeta português para língua castelhana, assim como um dos seus editores em Espanha. Ainda recentemente, muito pouco antes da obra biográfica, tinha lançado *Lluvia oblicua*. Nesta novela, que ficciona os últimos dias de Pessoa, são já explorados alguns dos aspetos mais singulares da biografia agora publicada.

É comum considerar-se que Manuel Moya é, em primeiro lugar, um poeta. Assim será. E logo se acrescenta o seu trabalho como tradutor e estudioso de Pessoa (e não só, porque Moya tem traduzido outros escritores portugueses e italianos). Muitas vezes, só em terceiro lugar se refere Moya como romancista, género em que o admiro particularmente, e que já lhe valeu vários prémios (como o Quiñones, com *Cinzas de Abril*; o Cidade de Estepona, com *La Buitrera*; e o Andaluzia da Crítica, com *Caza Mayor*, entre outros). Ora, esta qualidade de Moya manifesta-se de forma evidente em *Pessoa, el hombre de los sueños*: o prazer de quem conta e escuta histórias, mesmo que não efabuladas, faz desta biografia uma obra que se lê de uma assentada, seja-se ou não especialista de Pessoa (quase me atrevia a dizer: conheça-se ou não Pessoa).

Quer por este domínio da narrativa por parte do seu autor, quer, muito possivelmente, por se tratar de uma obra destinada ao público de língua espanhola, *Pessoa, el hombre de los sueños* é bastante equilibrado entre os dados biográficos (em todo o caso em menor número que nas recentes biografias), o seu contexto histórico (particularmente cuidado) e a análise da obra do poeta português. Este equilíbrio terá um propósito, sempre acentuado ao longo do livro: Pessoa é um homem do seu tempo e só assim deverá ser entendido. Desta forma, há um Moya leitor (e poeta) admirador arrebatado de Pessoa, cuja obra analisa, e um Moya cidadão (e crítico) que compreende, e por vezes se opõe, a Pessoa vítima e ator do seu tempo:

* Escritor.

En una biografía, el biógrafo no cuenta para nada y sus opiniones a nadie interesan, pero al igual que este califica de excelsa la obra de Caeiro, de problemática la situación del país, o de genial la violencia verbal de Campos, aquí el biógrafo no tiene más remedio que advertir y calificar el lado que le resulta menos grato y atractivo de Pessoa. Porque el pensamiento político de Pessoa es con suma frecuencia muy irritante y aquí no vale la argucia del relativismo temporal. Su natural desconfianza en el pueblo y su ultraconfianza en las élites, de las que él se siente parte, nos resultan fastidiosas y difícilmente asumibles.

(368)

Do mesmo modo, pode um leitor seguir, acompanhando um dos seus cidadãos, cuja vida conhecerá e a importância reconhecerá, os tempos de desassossego em Portugal e no mundo entre 1888 e 1935.

Este caminho de análise de Pessoa como homem do seu tempo, e inserido numa história pessoal e familiar com laivos de tragédia, abre a porta à compreensão da dimensão humana do mito. E esta será a grande força da obra: um Pessoa que acaba por ser vítima do seu tempo. Um homem que fracassa em tudo na vida (exceto na imortalidade, como se fosse de derrota em derrota até à vitória final), um homem a quem as circunstâncias não favoreceram.

Neste caminho de Pessoa, Moya acentua (como Gaspar Simões mas mais do que as biografias antes publicadas) a infância e a relação com a mãe, destacando os tempos de Durban (o que podíamos já adivinhar em *Lluvia oblicua*). Recorda as suas origens, determinantes também para as suas convicções políticas, as perdas familiares em tenra idade, que lhe irão marcar a vida, os tempos na África do Sul. Segundo Moya, Durban será determinante para Pessoa: é em Durban que se forma o Pessoa anglófono, *british* (“El inglés será su lengua y su cultura, e inglesa será su manera de entender el mundo, su manera de vestir, su pensamiento, su forma de relacionarse e incluso sus expectativas”; 66); é em Durban que Pessoa descobre a literatura: Milton, Carlyle, e, sobretudo, Shakespeare, autores que Moya diseca na influência que exerceram no jovem Fernando, destacando o papel central de Shakespeare (“Shakespeare significa también un punto de conexión con su propia experiencia de la pluralidad y con sus intuiciones más íntimas e inexpresables. Una liberación. Cuando Pessoa habla de su obra heteronímica como *drama em gente*, no tiene únicamente en la cabeza la numerosa cantidad de personajes shakespearianos y la lección que supone para él cada uno de ellos, sino su comunidad”; 95); é em Durban que conhece Mr. Nicholas, porventura o seu professor mais decisivo; finalmente, é em Durban que Pessoa experimenta também a solidão, o ser estrangeiro, o “escapista” (termo que Moya usa amiúde para o caracterizar), as dificuldades de relacionamento com o outro, levantando-se a hipótese de ter sido vítima de intimidação, daquilo a que hoje se chama *bullying*.

Momento a que Moya dá igualmente especial atenção é à breve passagem de Pessoa pela ilha Terceira, em 1902 (cf., nesta revista, <https://doi.org/10.26300/nwb3-2k64>). No seu jornal manuscrito *O Palrador* parece eclodir a heteronímia pessoana,

ou proto heteronímia, no dizer de Pablo Javier Pérez López, citado por Moya. Na Terceira, nascem 48 dos 136 personagens fictícios, fixados por Pizarro e Ferrari, em *Eu sou uma Antologia* (Tinta-da-china, 2013). Momento de eclosão tão significativo como o dos Açores, só acontecerá em 1914, com o trio de heterónimos mais conhecidos. E, sobre este discutido assunto – o da eclosão do heteronimismo – Moya também se posiciona, ou, pelo menos, entra na discussão. Aliás, é característica desta biografia o autor não se furtar a nenhuma das polémicas em torno de Pessoa que têm ocupado o meio académico. No tocante à eclosão da heteronímia, faz um ponto de situação do estado da arte:

Se han escrito miles de páginas para tratar de explicar el fenómeno de la heteronímia en Pessoa. Unos lo han hecho desde el campo de la filología, otros desde la psiquiatría o desde una visión filosófica o sociológica, unos atisban en ese fenómeno la fragmentación del yo, otros la disolución del ser, otros hablan del vacío o lo creen consecuencia de su trato com lo oculto... En fin, hay tantas teorías como teóricos se acercan al problema. Casi todas son aportaciones valiosas y bien traídas, pero todas analizan el fenómeno desde prismas que privilegian un determinado ángulo teórico de visión, siendo así que casi siempre se nos escapa la visión de conjunto.

(208)

Moya analisa detalhadamente as várias perspetivas, acabando por considerar que a heteronímia resulta de um lento processo (um “rio”) e não de um *click*. Um processo que passa por diversas fases, sublinhando Moya a estadia nos Açores, o regresso a Durban, a influência de Shakespeare, a passagem pelo teatro.

Disse que Moya não se furta a polémicas em torno de Pessoa. Entre essas polémicas, ou, pelo menos, controvérsias, contam-se a questão da sexualidade e do alcoolismo. Em relação ao primeiro assunto, embora abordado, percebe-se uma desvalorização de Moya: ao contrário do que poderá acontecer com outros autores, a questão da sexualidade não será, no seu entender, determinante para avaliar a obra pessoana. De qualquer maneira, analisa a relação com Ofélia e com Madge, assim como a questão da “senhora loira”. Já no que respeita ao alcoolismo de Pessoa, não adianta, segundo Moya, desvalorizá-lo, sendo notório que tal afetou Pessoa no final da sua vida, seguindo a linha de João Gaspar Simões que, na sua *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, publicada pela primeira vez em 1950, abordou este assunto, gerando alguma polémica (cf., nesta revista, em acesso aberto, <https://doi.org/10.7301/Z0QJ7FJ9> e <https://doi.org/10.26300/mfrw-sm68>).

Há outros dois aspetos que não queria deixar de mencionar neste *Pessoa, el hombre de los sueños*. O primeiro prende-se com a análise dos autores que conviveram com ou influenciaram Fernando Pessoa. Depreende-se que os leitores desta obra não serão todos especialistas em literatura, não conhecerão todos os autores de literatura inglesa, ou a obra dos escritores da revista *Orpheu*. Ora, Moya faz uma análise, e curta biografia, de todos eles. Das influências inglesas e portuguesas, mas também dos contemporâneos de Pessoa (grande importância atribui à relação com Mário de

Sá-Carneiro) e dos seus estudiosos. Enfim, de todos os que tiveram importância, mais ou menos significativa, para Pessoa. E este é um ponto que enriquece o livro. Outro é a análise da obra de Pessoa: do ortónimo, dos seus heterónimos mais significativos, do *Livro do Desassossego* (que Moya qualifica como “una epopeya del siglo XX”; 515), da *Mensagem* (muito curiosa abordagem ao livro, que abre caminho a reinterpretações com base, precisamente, na compreensão de Pessoa como homem do seu tempo). E não resulta fastidiosa a análise de Moya, entrecortada com as deliciosas descrições de Lisboa (também a relação entre Lisboa e o poeta merece na biografia uma reflexão curiosa) e da época em que viveu.

No início da biografia, o autor propõe-se desmentir três ideias que se têm usualmente de Pessoa e que considera falsas: a de que a sua singularidade heteronímica se sobrepõe à qualidade (ou seja, o que faz de Pessoa um escritor único é a sua multiplicidade de heterónimos e não, necessariamente, o valor da sua poesia); a da sua “ausência de vida”, quer dizer, do seu apagamento social, do “homem sem biografia” e, finalmente, o seu “caráter solitário e indolente”. Os objetivos de Moya são plenamente conseguidos. Outra ideia feita, diria eu, combatida por Moya é a de que a qualidade dos heterónimos se sobrepõe à qualidade do ortónimo; ou ainda outra, que Moya insiste ao longo do livro: Pessoa foi admirado no seu tempo, pese embora tenha editado pouco.

Por último, destacaria nesta biografia como aportação diferente das anteriores que lhe são mais próximas: o abrir de caminhos interpretativos, de perspetivas de Pessoa, da compreensão da sua personalidade. Isto transforma-o num livro primordial. Em contrapartida, será, das três biografias recentes, a que nos revela menos novos dados da vida de Pessoa.

No final de *El hombre de los sueños* fica-nos um Fernando Pessoa profundamente humano, produto do seu tempo. Um homem a quem a vida fintou, que sofreu, embora se visse como membro de uma elite. Um trabalhador que não foi bem recompensado. Um tímido que era um polemista. Ainda assim, este homem que morreu talvez alcoólico e despedaçado, foi genial na sua poesia. Talvez porque ninguém tenha sonhado tanto como Fernando António Nogueira Pessoa.

FERNANDO ÉVORA (Faro, 1965). Escritor português, autor de obras como *No País das Porcas-Saras* (2010), *Amor e Liberdade de Germana Pata-Roxa* (2012), *O Mel e as Vespas* (2015) e *Hamsters de Biblioteca* (2016) (este em conjunto com o artista plástico Gonçalo Condeixa). Traduziu para português *Lluvia oblicua*, de Manuel Moya.

FERNANDO ÉVORA (Faro, 1965). Portuguese writer, author, among others, of the books: *No País das Porcas-Saras* (2010), *Amor e Liberdade de Germana Pata-Roxa* (2012), *O Mel e as Vespas* (2015) and *Hamsters de Biblioteca* (2016) (this one with the plastic artist Gonçalo Condeixa). He translated into Portuguese Manuel Moya's *Lluvia oblicua*.